

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
DO OUTRO LADO DO ESPELHO  
01 de agosto de 2022

# THE LADY FROM SHANGHAI / 1948

(*A Dama de Xangai*)

um filme de Orson Welles

**Realização:** Orson Welles / **Argumento:** Orson Welles, baseado na novela de Sherwood King "If I Die Before I Wake" / **Fotografia:** Charles Lawton Jr. (e não creditados, Rudolph Mate e Joseph Walker) / **Direcção Artística:** Stephen Goosson, Sturges Carne / **Direcção Musical:** M. W. Stoloff / **Orquestrações:** Hershel Burke Gilbert / **Canção:** "Please Don't Kiss Me", música de Allan Roberts e letra de Doris Fisher / **Música:** Heinz Roemheld / **Som:** Lodge Cunningham / **Montagem:** Viola Lawrence / **Décors:** Wilbur Menefee, Herman Schoenbrun / **Guarda-Roupa:** Jean Louis / **Interpretação:** Orson Welles (Michael O'Hara), Rita Hayworth (Elsa Bannister), Everett Sloane (Arthur Bannister), Glenn Anders (George Grisby), Ted de Corsia (Sidney Broome), Erskine Sanford (Juiz), Gus Schilling (Goldie), Louis Merrill (Jake) etc.

**Produção:** Orson Welles para a Columbia / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado electronicamente em português, 87 minutos / **Estreia Mundial:** Londres, 7 de Março de 1948 / **Estreia em Portugal:** Condes, em 28 de Maio de 1949.

*A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

---

Depois dos *casus belli* (conflitos violentíssimos com os produtores) ocorridos com os **Ambersons** e a **Journey into Fear**, depois da saga de **It's All True** e, mais ainda, depois do colapso comercial de **The Stranger**, a reputação de Orson Welles, em Hollywood, era a pior. Acusado de intratável, egocêntrico e megalómano, todos os estúdios lhe recusavam trabalho, a não ser como actor. Mas Welles casara entretanto com uma das vedetas do *top* do firmamento de Hollywood, Rita Hayworth (a publicidade usou largamente o *slogan* do casamento do génio com a beleza). O matrimónio durou quatro anos (de 43 a 47) e foi bastante tumultuoso. Parece que foi numa das últimas reconciliações (precedendo, de pouco, o divórcio) que Rita impôs à "sua firma" (a Columbia) ser dirigida no próximo filme pelo marido. Os patrões torceram-se, mas acabaram por não recusar "o capricho" da vedeta, tanto mais que se julgavam protegidos dos de Welles pelo facto do filme se basear numa convencionalíssima novela de Sherwood King, que o realizador adaptou num guião de 15 páginas.

E mandaram soar os clarins da publicidade para o filme que reuniria a bela e o génio e em que o segundo provaria que a primeira se não resumia aos dotes físicos. Orson começou por mandar cortar a farta e famosa cabeleira da mulher, diante da imprensa. Depois, partiu com a equipa e com os actores para o México, onde permaneceu vários meses sem "passar cartão" aos senhores da Columbia. Estava previsto que filmasse em terra, numa aldeia indígena. Como achou que o sítio não servia, mandou construir outra, em diferente local (conta-se que os nativos gostaram tanto da nova morada que, findo o filme, se recusaram a voltar às casas dos antepassados). No mar (Golfo do México) alugou por uma soma fabulosa o iate de Errol Flynn – o célebre Zaca – impondo que o próprio actor fosse o seu timoneiro. Ao fim de algum tempo, uma produção que se previra modesta (a preto e branco) custava mais à Columbia do que qualquer superprodução em technicolor.

Mandaram-no então regressar, enquanto corriam novas insistentes que o casamento Rita-Orson estava no fim. O realizador completou o filme, em meio às maiores reservas, na "Chinatown" de S. Francisco e nos estúdios. Em Outubro de 47 (divorciar-se-ia em Novembro) mostrou o que fizera a

Harry Cohn, o magnate de Columbia. Diz-se que este, aterrado, ofereceu no fim mil dólares a quem fosse capaz de lhe explicar a história do filme. Não teve que os gastar: ninguém o conseguiu, enquanto Orson admitia tranquilamente que nem a si próprio a podia explicar. Interveio, então, a montagem "didáctica", tentando dar o máximo de nexos possíveis ao filme, entre os protestos e iras do realizador. A Columbia chegou a pensar guardar **A Dama de Xangai** e não o exhibir. Mas como o dinheiro gasto fora muito, acabaram por decidir "lançar o produto", confiando nos *fans* de Rita Hayworth e na marca da actriz. Aconteceu o pior: coincidindo a saída do filme com o divórcio (e o escândalo que o acompanhou) foram os *fans* quem mais se indignou: Orson – diziam – não assassinava só no filme a sua mulher: destruía-lhe a imagem, transformava-a numa prostituta amoral e deixava-a a morrer rastejando como um verme, enquanto lhe virava as costas e ia à vida. Era o sacrilégio supremo. O *wonder boy* de sete anos antes era insultado de todas as maneiras e teve que esperar dez anos (**Touch of Evil**, de 57) para que um produtor de Hollywood voltasse a meter-lhe dinheiro na mão. Tudo isso é só "pequena história". Porque, obviamente, a relação Orson-Rita domina o filme, por interpostos Michael O'Hara-Elsa Bannister. **A Dama de Xangai** é, como lhe chamou Bazin, "um filme para Rita", com o amor-ódio de uma profunda dependência mútua, que encontra o seu paroxismo na mútua destruição. Dá ainda que pensar saber-se que esse paroxismo não foi atingido mutuamente nem no filme nem na vida: se Elsa morre e Rita Hayworth iniciou na **Dama de Xangai** o seu declínio (embora nunca tenha sido tão admirável), Michael O'Hara confia no monólogo final que talvez viva bastante para se esquecer dela (embora talvez morra a tentá-lo) e Orson Welles prosseguiu a sua carreira.

Mas, dito isto, convém também sublinhar que qualquer excesso biográfico pode fazer perigar a correcta leitura da obra. Porque se Elsa-Rita veio ao mundo, como as sereias de Ulisses, para perdição do homem é este, e sobretudo Michael O'Hara, quem fundamentalmente interessa ao realizador-intérprete. Sem que se possa falar de identificação, é O'Hara o porta-voz de Welles e mais do que sobre a dama de Xangai, o filme é um filme sobre um homem que quando começa a ser *a fool of myself* nunca sabe onde vai parar, sobre um homem que no fim nos diz: "*Everybody is somebody's fool. The only way to stay out of trouble is to grow old, so guess I'll concentrate on that*".

Personagem contra-polar dalguns dos seus mais fortes "caracteres" (como o realizador gostava de os chamar) Michael O'Hara é a personagem que não sabe pressentir o perigo, mas se deixa arrastar para o meio dos tubarões que rodeiam o barco e o corpo de Rita. Utilizado por esta, por Grisby, só consome a sua vingança no espaço onde todas as imagens se projectam deformadas, no mundo especular por excelência (onde a ausência de carga anula o efeito), quando, entre os vidros partidos, se encontra com os cadáveres dos seres que o contaminaram. Essa famosíssima sequência, um dos momentos mais justamente celebrados do cinema de Welles, recupera-lhe não a imagem (que também vimos destruída e que antes – noutra não menos famosa sequência, a do aquário – se tinha querido projectar no mundo submarino) mas o corpo que regressa no final idêntico ao que viramos no início, mas carregado de "som e fúria" dessa descida aos infernos que jamais completamente o pode dominar e de que jamais completamente se poderá libertar.

Meditação moral, obsessiva sobre os temas permanentes da obra de Welles (o bem e o mal: a salvação e a danação, o destino e a liberdade), **A Dama de Xangai** será, como pretendeu Bazin, a obra mais rica de significado da obra de Welles e aquela em que esses temas brotam mais puramente? Talvez se possa discutir essa afirmação e lamentar um ou outro excesso simbólico (o que não quer dizer simbolista) sublinhado pelo frenético virtuosismo numa câmara talvez demasiada omnipresente em efeitos e *morceaux de bravure*. Mas é dificilmente contestável que **A Dama de Xangai** nos não dê um retrato apaixonante da complexa personalidade do seu autor, não seja admirável cinema e não seja sobretudo a obra de Welles que a partir de um pretexto (o *script*, a intriga) nos proponha um texto que assume, na densidade moral dos seus "caracteres", a ressonância dos grandes trágicos e dos grandes moralistas a cuja linhagem indiscutivelmente Orson Welles pertence.

JOÃO BÉNARD DA COSTA